

Roberto Boclin

FRAGMENTOS DE UMA VIDA

1ª edição



Rio de Janeiro

Livro eletrônico

Roberto Boclin

Fragmentos de uma vida...

1ª edição

Rio de Janeiro



Editora do autor
2019

ISBN
978-85-901806-2-3

Vedada nos termos da lei, a reprodução total ou parcial deste livro sem autorização do autor.

Preparação dos originais desta edição

Prof. N. R. Feichas

Revisão

Profª Ana Maria Loureiro Carneiro

Prof. N. R. Feichas

Capa e contracapa

Prof. N. R. Feichas

1ª edição

Exclusivamente eletrônica

Setembro 2019

Distribuição eletrônica

Aos queridos filhos, Beatriz, Roberto, Ricardo e Henrique, ofereço como legado a minha história, já que não possuo outra forma de herança.

Índice

PRÓLOGO.....	10
Capítulo 1.....	11
GENUS.....	11
Capítulo 2.....	13
A PRAIA DE COPACABANA.....	13
A história do Hotel Copacabana Palace.....	14
Capítulo 3.....	16
O INCÊNDIO DO VOGUE.....	16
Capítulo 4.....	19
MEUS PRIMEIROS ANOS.....	19
Capítulo 5.....	21
OS POSTOS DE SALVAMENTO.....	21
Capítulo 6.....	26
O FUTEBOL DE PRAIA.....	26
Capítulo 7.....	28
COPACABANA, O LOCAL DOS CINEMAS.....	28
Capítulo 8.....	31
O FUTEBOL.....	31
Capítulo 9.....	32
A POLÍTICA.....	32
Capítulo 10.....	34

VIDA ESCOLAR.....	34
Capítulo 11.....	36
VIDA PROFISSIONAL.....	36
Avaliação do MEC.....	39
Capítulo 12.....	41
HISTÓRIAS IMPORTANTES.....	41
Estrela Prisioneira.....	41
Eu e a Poesia.....	42
Certa vez.....	42
Capítulo 13.....	45
AMENIDADES.....	45
A morte do Major Rubem Vaz.....	45
A Bossa Nova.....	46
Os Carnavais.....	47
Blocos de rua do Rio de Janeiro.....	48
Sambódromo da Marquês de Sapucaí, no Rio de Janeiro.....	48
Os Ônibus Elétricos.....	48
As minhas viagens.....	49
Relógios.....	50
Capítulo 14.....	52
Minhas importantes e afetuosas REFERÊNCIAS.....	52
Carlos José Castilho.....	52
Gerson Nunes.....	53

Fragmentos de uma vida...

A seleção de 1970.....	53
Didi.....	54
Vinicius de Moraes.....	55
Fernando Pessoa.....	55
Cecília Meirelles.....	56
Antonio Maria.....	57
Paulo Gracindo.....	58
Anselmo Duarte.....	59
Ilka Soares.....	59
Tonia Carrero.....	60
Paulo Autran.....	60
Capítulo 15.....	62
LEMBRANDO AMIGOS DE ONTEM.....	62
Dos 12 aos 18 anos.....	62
Dos 19 em diante.....	63
A partir dos 30 anos.....	64
EPÍLOGO.....	66
Apêndice.....	67
ICONOGRÁFICO.....	67
1940, com a mãe, D. Magdalena.....	67
1946, Primeira Comunhão.....	68
1947, com a turma no Colégio Santo Ignacio.....	69
1953, formandos do Colégio Santo Ignacio.....	70
1953, retrato.....	70

Roberto Boclin

1953, com a mãe e os irmãos.....	71
1957, com o time de futebol de praia.....	72
1962, como instrutor, Curso Belcar Vemag para senhoras.....	73
1965, seu pai, Teodoro, com sua filha Beatriz.....	74
1979, Presidente Geisel (esq.), Dr. Ludolff (centro) e Boclin (dir.)...	75
1982, com o Governador Chagas Freitas (dir.).....	75
1982, com o Governador Chagas Freitas (dir.).....	76
1982, com Arnaldo Niskier, em sua posse no CEE RJ.....	76
1982, com Arnaldo Niskier em sua posse no CEE RJ1982, assinando termo de posse no CEE RJ.....	77
1982, cumprimentando membros da Mesa, em sua posse no CEE RJ.....	77
1982, com Terezinha Saraiva em sua posse no CEE RJ.....	78
1985, Capela de Nossa Senhora da Conceição.....	78
1985, na missa de inauguração da Capela de Nossa Senhora da Conceição.....	79
1987, em Deodoro.....	79
1987, ao centro, entre Jose Manuel Martins e Arthur João Donato (Presidente FIRJAN).....	80
1988, recebendo o Consul do Japão no Rio de Janeiro.....	80
1988, homenageando em Coimbra, Portugal, cantando fados.....	81
1991, com a escritora Rachel de Queiroz.....	82
1991, recebendo o Príncipe Andrew, da Inglaterra.....	82
1991, condecorado com a Medalha do Mérito Naval.....	83
1992, com João Havelange, na Univercidade.....	83
1993, inaugurando a Cervejaria Escola de Vassouras (esq.).....	84

Fragmentos de uma vida...

1993, capa do convite para a inaugurando a Cervejaria Escola de Vassouras.....	84
1993, agraciado com a Ordem Nacional do Mérito Educativo.....	85
1993, placa comemorativa da inauguração da Cervejaria Escola de Vassouras).....	86
1994, Centro Nacional de Tecnologia, Soldagem.....	86
Entregando Estrela Prisioneira ao Dr. Roberto Marinho.....	87
2001, com Wagner Siqueira e Wallace Vieira, no lançamento de seu livro Conversando sobre Educação.....	87
2004, preparando para a Meia Maratona.....	88
2004, sua identificação para a Meia Maratona.....	88
Medalha Educatio et Labor (frente).....	89
Medalha Educatio et Labor (verso).....	90
BIBLIOGRAFIA.....	91
Referências via internet (web).....	91
OUTRAS OBRAS DO AUTOR.....	93

*“A vida de um homem é como a existência de um dia.
Comecei a viver em tantos lugares e em tantas horas diferentes
que não sei por onde começar.”*

Pablo Neruda - “Confesso que vivi”

PRÓLOGO

Escrever uma autobiografia sempre me pareceu um desafio imenso, exigindo a ordenação de tempos e fatos, que a memória por ventura destacasse.

Assim pensando, preferi reunir irresponsavelmente os acontecimentos que me atraíram na busca do passado, sem preocupação de ordená-los segundo dias, meses e anos.

Surgiu então, casualmente, a ideia dos fragmentos que, mesmo fora de ordem, irão compor a canção de vida, que pretendi sem notas musicais, sem acordes ou letras.

Muitas outras lembranças ficaram pedidas no vazio escuro do esquecimento, mas, de fato, não farão falta.

O que alguns amigos poderão sentir foi a ausência da menção às relações sentimentais no texto fragmentado.

Os sentimentos antigos e atuais são elementos de um certo modo secreto, que a sua exposição poderia gerar constrangimentos e longe de mim ser responsável por entristecer ou aborrecer criaturas que fazem parte de um encantamento passado, e que deve ser guardado, e os desencantos, estes sim, tentar esquecer.

A vida é uma sucessão de acasos, assim como a morte será um deles.

Capítulo 1 GENUS

Amanhece em Copacabana neste dia 16 de junho de 1936. Tudo indica que será uma bela manhã de inverno e o sol insiste em nascer bem longe no horizonte que o mar azul risca com perfeição.

Estamos na vila nº 108, da Rua Salvador Correa de Sá, que viria a ser denominada Avenida Princesa Isabel em 1938, quando da construção do Túnel Novo, Freguesia de Copacabana.

Alexandre Wagner, proprietário no final do século XIX, de terras no bairro do Leme, construiu algumas ruas em 1894. A uma delas denominou Salvador Correia de Sá em homenagem a quem havia governado o Rio de Janeiro por três vezes (1637 a 1642, em 1648, e de 1659 a 1660).

Em 1906, o Prefeito Pereira Passos inaugurou o Túnel Coelho Cintra, também conhecido como Túnel Novo. Em 1938, o nome da rua Salvador Correa de Sá foi alterado para Avenida Princesa Isabel, em comemoração ao cinquentenário da assinatura da Lei Áurea.

O famoso Prefeito realizou muitas obras no bairro entre 1943 a 1946 abrindo uma nova galeria no Túnel Novo, intitulada Marques Porto, duplicando a avenida com a demolição de uma carreira de prédios e retirando uma parte considerável da Praça Demétrio Ribeiro que foi cortada na diagonal para facilitar o acesso à Rua Barata Ribeiro.

A Av. Princesa Isabel só alcançou as dimensões que apresenta hoje depois de agosto de 1955, com a demolição do Hotel Vogue, que ficava na quadra da praia, destruído por violento incêndio.

O atual canteiro central é resultado de obras realizadas entre 1994/1996. Hoje, na outra esquina fica uma estátua de Braguinha, como a dar boas-vindas aos que chegam a Copacabana. No início da avenida, no outro extremo, junto à orla, foi inaugurado em 13 de maio de 2003, um monumento à Princesa Isabel.

Fragmentos de uma vida...

Na casa nº 9 da vila percebe-se a ansiedade de uma família pelo nascimento do primogênito do casal Maria Magdalena e Teodoro. Dona Mary, a futura avó, acompanhava Felipa, a doméstica de mais de 20 anos na casa, que preparava as panelas e baldes que certamente seriam necessárias para o parto que começava a anunciar o seu início. O leiteiro e o padeiro como sempre o faziam deixaram na porta da casa o litro de leite e os pães.

O telefone, instrumento de comunicação ainda raro na época, tocou estridente na madrugada da casa da parteira francesa, Mademoiselle E. Bourgeois Hablema, importante profissional muito requisitada pelas famílias de algumas posses para ocupar-se dos procedimentos dos partos das moças da zona sul, em particular de Copacabana. Ela aguardava o sinal para dirigir-se logo em seguida para a residência do casal Magdalena e Teodoro, pois o bebê nasceria dentro de pouco tempo.

Estamos na terça-feira, os santos do dia São Aureliano e São João Francisco de Regis, a pedra é Água Marinha e o signo Gêmeos, que termina em 21 de junho e tem início o de Câncer.

Meus pais serão Maria Magdalena e Teodoro, meus avós maternos Mary e Adriano e os paternos Alma e André Theodoro.

Eu nasci às 12 horas e trinta minutos. Sol em Gêmeos e ascendente em Libra.

O meu horóscopo, segundo o astrólogo conhecido na época, era assim: Roberto, o signo ascendente era Libra, que se conjugava a outro signo de Ar, Gêmeos, traduzindo uma natureza inteligente, racional e ativamente interessada por questões de ordem social.

Capítulo 2 A PRAIA DE COPACABANA

No Brasil, a escolha de Pereira Passos para Prefeito do Rio de Janeiro no início do Século XX veio abrir um novo ciclo de desenvolvimento urbano para a cidade. Conhecido como o “bota abaixo”, Pereira Passos arrasou com o morro do Castelo, pondo por terra cerca de 600 casas e abrindo a chamada Avenida Central, em 1905, que seria rebatizada de Avenida Rio Branco, dois dias depois da morte do Barão, em 1912. Para calçar a nova Avenida, fez vir de



Figura 1: O Calçadão e suas palmeiras

Portugal um grupo de calceteiros portugueses e, também, as pedras portuguesas (calcita branca e basalto negro). A quantidade era enorme e, além de calçar toda a avenida, com desenhos variados, conforme o local onde era aplicado, as pedras ainda foram calçar, em 1906, a Avenida Atlântica, construída também por sua iniciativa, viabilizando os bairros de Copacabana e do Leme através da abertura do túnel do Leme no início daquele ano.

A história do Hotel Copacabana Palace

A história do hotel mais luxuoso do Rio teve início com sua construção por Octávio Guinle, em 1923, por sugestão do então presidente da república Epitácio Pessoa. Projetado pelo arquiteto francês Joseph Gire e inspirado nos hotéis Negresco, em Nice, e Carlton, em Cannes, o Copacabana Palace se tornou um símbolo da cidade em todo o mundo.

Octávio Guinle propôs ao Presidente da República a compra da praia de Copacabana, que era no início um enorme areal. Claro que sua proposta foi negada, o que determinou, por consequência, a intenção da construção do Hotel.

O Hotel Copacabana Palace, além de ser conhecido pela tradição e o luxo de suas instalações, tem grande valor histórico para a cidade do Rio de Janeiro. Desde sua inauguração, o suntuoso hotel foi palco de grandes acontecimentos do cenário carioca e transformou Copacabana num dos mais famosos bairros do mundo.

Adquirido da família Guinle pelo grupo Orient-Express Hotels, em 1989, o Copacabana Palace foi tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional. O grupo, que possui quase 50 unidades operacionais entre hotéis, trens, navios fluviais e restaurante, já investiu US\$ 50 milhões desde que o comprou, realizando um extenso programa de reformas com o objetivo de manter e realçar a sua posição de melhor hotel da América do Sul. O Copacabana Palace está entre as três mais importantes unidades do Orient-Express.

O interior do hotel foi totalmente reformado, remetendo aos seus tempos de glória. O responsável por essa restauração foi o decorador francês Gerard Gallet. Conhecido mundialmente, também decorou hotéis como Bedford (em Paris), Villa San Michele (Florença) e o Cipriani (em Veneza). A pintora francesa Dominique Jardy foi uma das escolhidas para reproduzir algumas das criações de Gallet. Suas obras, em diferentes técnicas artísticas, podem ser encontradas no restaurante Cipriani, no interior de elevadores e nas *Penthouses*, que são as suítes do sexto andar.

Entre seus hóspedes figuraram membros da realeza, presidentes, astros do cinema e da música, esportistas, políticos, executivos que visitam a cidade e personalidades importantes em vários campos de atuação, nomes como Santos

Dumont, Gene Kelly, Orson Welles, Nelson Mandela, Princesa Diana, Príncipe Charles e Arturo Toscanini. Seu Livro de Ouro vem sendo assinado por hóspedes ilustres há oito décadas e o hotel também tem uma galeria de fotos das principais personalidades.

O restaurante Bife de Ouro, um dos três melhores e mais requintados restaurantes do país, ficava localizado em frente a praia e à piscina interna do Hotel, sendo anos depois substituído pelo restaurante Cipriani. O Copacabana Palace conta também com o Pérgula, restaurante localizado no mesmo lugar do então Bife de Ouro, entre a Praia de Copacabana e a piscina, aberto para café da manhã, almoço e jantar.

Minha identificação afetuosa ao Copacabana Palace deveu-se, principalmente, pelo fato de que, quando tinha meus 11 anos de idade, meu Tio Geraldo obteve um Permanente para eu frequentar a piscina do hotel.

A nadadora olímpica Maria Lenk ministrava aulas de natação para os hóspedes e eu, com o Permanente, passei a ser seu aluno. Ao final de uns seis meses estava nadando muito bem e gostando de nadar, hábito que tem-me acompanhado por toda a vida.

Capítulo 3 O INCÊNDIO DO VOGUE

Foi uma noite de muita comoção. 14 de agosto de 1955.

Morava na Rua Barata Ribeiro e a notícia, pela Rádio Nacional, que espalhou-se logo – o Vogue está pegando fogo!

Corri como muitos outros até a Praia, onde da calçada assisti ao combate dos Bombeiros contra as chamas. Estas já tomavam o prédio, do subsolo ao décimo andar.

A escada Magirus do Corpo de Bombeiros só atingia até o sétimo!

Detalhes já não estão na memória. Recorro então ao oráculo “Google”, que além de artigos diversos, leva-me aos jornais O Globo e A Notícia, onde os encontro com riqueza de dados.

O fogo começou pelas 18 horas, na “Boite Vogue”, no térreo do edifício. O electricista da boate, como costumavelmente, ligou as luzes, tendo ouvido um estalido forte (um curto-circuito), que imediatamente incendiou as cortinas, com o fogo já



Figura 2: O incêndio do Hotel onde ficava a Vogue na Avenida Princesa Isabel

lambendo as paredes revestidas de madeira. Tentou combatê-las mas constatou ser impossível. Correu ao subsolo – a cozinha da boate, e deu o alarme.

Correria e o alarme aos bombeiros. O fogo já subia as escadas de madeira tomando toda a boate. Apesar da rapidez do alarme, várias pessoas ficaram presas nos andares superiores, sem saída, pois o térreo estava totalmente tomado pelas chamas.

Ainda antes da chegada dos bombeiros, o jornalista Raul Ribeiro Martins – o Índio, ex-colaborador do Diário de Notícias, então Chefe de Publicidade do Hotel Vogue, que lá residia, assoma à sacada do quarto andar e, no desespero, pula, estatelando-se na calçada, para desespero dos que assistiam impotentes.

Gritos de desespero eram ouvidos a todo instante. Outra pessoa pula para a morte. Um homem, no oitavo andar, outro no décimo, clamam por socorro. Um bombeiro, o 534 (seu nome não é mencionado), no topo da Magirus, à altura do sétimo andar, atira uma corda e, após várias tentativas frustradas, atinge o oitavo andar, onde o homem consegue agarrá-la e prendê-la no interior do apartamento, conseguindo descer até a escada, onde auxiliado pelo 534, chega a salvo ao solo, sob o aplauso dos espectadores. Era João Ribeiro Dantas, Chefe de Gabinete do Diretor do Departamento de Imigração.

Quanto ao infeliz do décimo andar, nada foi possível fazer. Ele, quando nada mais restava, todas as esperanças perdidas, pula, bate contra a escada Magirus, quase derrubando o 534, que estava ao meio dela, atinge o carro onde amassa um extintor e, literalmente, estoura no chão. O corpo em estado indescritível é removido, ainda com vida, para o Hospital Miguel Couto, local em que falece. É identificado como o cantor americano Warren Hayes, que apresentava-se na boate.

Do edifício de doze andares e terraço, só restaram escombros calcinados.

Após alguns anos, o edifício foi, juntamente com mais alguns outros, derrubado e, em seu lugar, surgiu o acesso da Av. Princesa Isabel à Av. Atlântica, como hoje o temos.



Figura 3: Praia de Copacabana - 1936

A “Boite Vogue”, na Avenida Princesa Isabel, foi um marco na noite carioca dos anos 1950, a época de ouro da noite de Copacabana!

Capítulo 4
MEUS PRIMEIROS ANOS

Logo nos meus primeiros dias recebi muitas visitas importantes. A família, obviamente, esteve toda reunida, minha tia Letícia, irmã de Mamã, os irmãos Mário, Geraldo, Fernando, Carlos, Luis, meus avós paternos Andre Theodoro e Alma, e maternos, Adriano e Mary. Vovô Adriano era importante no Ministério da Justiça. Eu percebi quando, na primeira semana, chegaram os Desembargadores Ribeiro da Costa e José Linhares que, em 1945, assumiria interinamente, a Presidência da República, vaga com a deposição de Getúlio Vargas.

Mamãe estava feliz com o seu rebento e, pouco depois, no dia 13 de julho, levou-me para passar 15 dias na casa dos meus avós maternos. Minha avó paterna não me conheceu, pois estava muito doente, tendo falecido logo, no dia 02 de agosto. O meu segundo passeio foi na Igreja de Nossa Senhora de Copacabana justo na véspera da morte de minha avó. O meu médico pediatra foi o Doutor Marcelo Garcia, que mais adiante tornou-se Secretário da Saúde do governo, então Distrito Federal.

Quando eu completei 4 anos ganhei uma irmã querida, Lúcia Maria, que se tornou muito importante ao meu lado, ajudando-me muito no meu cotidiano.

Talvez pela sua chegada meus pais mudaram de residência e fomos para outra casa de vila na Rua Santa Clara, em frente à rua 5 de julho. Era e é ainda uma vila no formato de um T, com duas ruas laterais. Do lado direito são oito casas, quatro de cada lado de duas calçadas. A nossa era a casa 4 e todas pertenciam a um alemão cuja residência, na rua Anita Garibaldi, dava fundos para a nossa ala. Na outra parte da vila, ao fundo, um prédio de apartamentos de três andares onde morava o famoso advogado Murta Ribeiro, criador de importantes cursos superiores de Direito. Um pouco a frente a família do Poeta e Meteorologista Fernando Antonio Py de Melo e seu irmão, o Psiquiatra das atrizes, Luís Alberto Py.

Fragmentos de uma vida...

Residiu também na rua de entrada da vila um grande ator prematuramente falecido cujo nome tentarei lembrar.

Como eu passei a ter muitas crises de asma, a minha mãe tentou vacinas, xaropes, etc, sempre com receitas do Dr. Campos da Paz, ilustre médico comunista e extraordinária pessoa humana, que tinha o seu consultório no andar de cima da Farmácia Polybio, localizada na rua Siqueira Campos esquina da rua Barata Ribeiro.

Não resolvendo a situação, meus pais mudaram de residência, novamente, para a rua Barata Ribeiro 355 onde permanecemos até morrerem ambos e nós nos casamos e construímos outras vidas. É importante dizer que na nova casa nasceu mais um irmão meu, Carlos Augusto, o nosso caçula.

Capítulo 5
OS POSTOS DE SALVAMENTO



Figura 4: Posto nos anos 30

Quando a minha família mudou-se para Copacabana, era costume orientar a nossa localização como no Posto 4. A faixa imaginária de terreno, que começa na praia e se estende para o interior do bairro, adota o nome do posto, chegando, muitas vezes, através de um exercício de abstração, compreendido por todos os cariocas, de acrescentar-se a palavra “meio” para as áreas intermediárias, situadas entre dois pontos.

O primeiro posto de salvamento no bairro de Copacabana, foi com a construção de um barracão de madeira, que foi inaugurado em 1900, com o nome de Sociedade de Socorro Balneários.

Em 1929, os postos de observação para evitar afogamentos dos



Figura 5: Posto 5

banhistas, altos postes de madeira com plataformas gradeadas no topo, foram substituídos por postos de concreto armado, dando melhores condições de trabalho aos guarda-vidas do Corpo de Salvamento, criado em 1917.

Desde 1937, os postos de salvamento foram reestruturados, com construções modernas com alto-falantes para transmissão de aulas e ginástica, notícias e músicas. Para cada posto construído nas

praias do Leme, Copacabana, Ipanema e Leblon, existia um barco com três tripulantes destinados ao serviço de salvamento.

Na minha mocidade, era comum, eu e meus amigos nadarmos para depois da “rebentação”, como se denominava o local onde as ondas se organizavam, para chegarmos aos barquinhos e conversarmos com os salva-vidas.

Após 1970, surge, então um novo modelo e que serviu de padrão para toda a orla. Dispunha de um bar, no térreo, e de um “escritório” (com telefone) que se alcançava por uma escada lateral, banheiros e um chuveiro público sob o deque. Tinha, também, um relógio que podia ser visto da praia.

O número do posto, em vermelho, ficava grande e visível sobre a construção toda cinza e holofotes redondos e grandes, igualmente vermelhos,

complementavam a lateral. A cor vermelha se relacionava com o Corpo de Bombeiros, que administravam os postos.

Em 1992/93, o posto deu destaque à marca da Prefeitura e do Corpo de Bombeiros e a faixa superior da construção, definitivamente, passou a ser usada como grande outdoor.

A partir de 2001, nova modificação no visual dos postos, mas, desta feita, cumprindo a lei das posturas municipais, que proíbe publicidade na orla. Então a faixa passou a exibir fotos turísticas da cidade, com a nova padronização visual da Prefeitura, marca e cores.

Reurbanização dos 27 Postos de Salvamento existentes na orla marítima carioca, encontra-se hoje sob a administração da COMLURB, passando em 2010, para a Concessionária Orla Rio.



Figura 6: Posto do começo do sec. XX

Fragmentos de uma vida...



Figura 7: Posto de Salvamento 1910



Figura 8: Publicidade no Posto



Figura 9: Novo visual



Figura 10: Novo projeto da Orla Rio

Capítulo 6 O FUTEBOL DE PRAIA

O futebol de areia foi um dos esportes mais tradicionais do Rio. Desde os anos 30, quando surgiu em uma brincadeira de uma turma que vivia próxima à praia, vários craques do campo e personalidades chutaram a bola pelas areias do Rio.

O Praia Clube, de Copacabana, foi um dos primeiros times a ganhar fama. Além de Heleno de Freitas, a equipe contava com os jornalistas João Saldanha, que chegou a ser treinador da seleção brasileira de futebol, Sérgio Porto e Sandro Moreira.

Vários jogadores da praia chegaram ao time nacional.

O lateral Cacá, do Fluminense e do Botafogo e reserva da seleção campeã de 1958, o lateral do Flamengo, Júnior, o ex-zagueiro Edinho, que jogou as Copas de 1978, 1982 e 1986, Paulo César Caju, tricampeão em 70, e Renato, o goleiro do Flamengo e da Seleção, são alguns craques da praia que brilharam nos gramados.

O ex-ministro da Previdência, Rafael de Almeida Magalhães, também jogou em Copacabana, no Ouro Preto um bom time, o Luiz Carlos Barreto jogou no Paula Freitas/Inhangá. O Radar, equipe comandada por Paulo Amaral, ex-preparador físico da seleção, criado por Eurico Lira, técnico de futebol de campo, o Juventus, do Sebastião e do Júnior, o Americano, do Nenen Prancha, o Dínamo, do Tião Macalé, o Lavai Bola, do Viriato e do Bolinha, o Arsenal, do Danton Portinho e o Maravilha, do Jaime, eram alguns dos bons times de praia.

O sucesso do esporte era tanto que, nos anos 50, existiam três ligas, Leme, Copacabana e Urca, e independentes o Leblon, o Lagoa, do Teodoro Sodre e o Columbia, do Antonio Guimarães, todos bairros da zona sul. Os ex-árbitros Armando Marques e Arnaldo César Coelho também atuaram na praia.

No tempo do Prefeito Negrão de Lima foi iniciado o Campeonato Inter Praias, introduzindo as outras praias, inclusive a Urca, com o Guaíba, o Leme, com o Praia Leme, Ipanema, com o Lagoa, do Téo Sodré, o Leblon, com o Columbia e o próprio Leblon, com um torneio noturno realizado no Leblon.

Capítulo 7 COPACABANA, O LOCAL DOS CINEMAS

Nos anos 50, Copacabana tornou-se um centro de muitos cinemas importantes. O Roxi, o Metro Copacabana, o Ritz, o Joia, o Caruso, o Copacabana, o Rian, o Ricamar, o Caruso do Posto 6 e o Bruni Copacabana.

Filmes antológicos como Dançando na Chuva, com Fred Astaire, E o Vento Levou, com Clark Gable, além dos de James Dean, Paul Newman, Rock Hudson, Elizabeth Taylor, Doris Day, Lauren Bacal, Frank Sinatra, John Wayne, enfim, cinema era programa para toda semana. Havia os seriados com Tom Mix, Rin tim tim, e muitos outros. Havia, também, o Cinema Novo e, principalmente, os italianos com Anna Magnani.

A primeira grande diva italiana foi **Anna Magnani** (Roma, 07 de março de 1908 – 26 de setembro de 1973), uma das maiores atrizes do seu tempo, reconhecida por seu talento dramático, sua forte personalidade e expressividade. Seu primeiro papel importante foi em Teresa Venerdì (Vittorio De Sica, 1941) onde interpretou uma ambiciosa atriz de variedades. A consagração internacional viria quatro anos depois com Roma Città Aperta, em 1945, quando conquistou o público no papel de Pina, uma corajosa romana que enfrenta os nazistas. Neste período se apaixonou e viveu uma tórrida história de amor com o diretor do filme, Roberto Rossellini, que terminou quando ele conheceu uma outra diva, a sueca Ingrid Bergman.

La Magnani tornou-se, assim, um símbolo de Roma, sempre interpretando mulheres fortes e do povo.

Recebeu o prêmio de melhor atriz no Festival de Veneza de 1947 e, em 1955, se tornou a primeira atriz estrangeira a ganhar o Oscar de melhor atriz pela sua interpretação em A Rosa Tatuada.

Morreu aos 65 anos, vítima de um câncer no pâncreas.

Outras importantes atrizes italianas marcaram época no cinema mundial. O sucesso chegou para **Gina Lollobrigida** na década de 50, quando

interpretou os seus primeiros papéis como a cigana Esmeralda em “O Corcunda de Notre Dame” e também atuando ao lado de grandes atores como Humphrey Boogart, Vittorio Gassman, Anthony Quinn, Rock Hudson e Marcello Mastroianni.

A bela **Silvana Mangano**, aos 19 anos, foi escolhida pelo diretor Giuseppe De Santis para o filme “Arroz Amargo”, atuando ao lado de Vittorio Gassman. Com o sucesso do filme, a bela e escultural Silvana, lançada como “sex symbol italiano” do pós-guerra, entra definitivamente no mundo do cinema. A sua imagem de camponesa, com meias pretas até a metade das coxas, dentro de um arrozal, tornou-se um dos símbolos do cinema italiano.

Ela veio ao Rio de Janeiro para o lançamento do filme no Cine Caruso Copacabana e lá estava eu, sentado no alto do muro que separava o Caruso do Metro Copacabana, para vê-la de perto. Decepção, ela não era a beleza que eu imaginava, com a pele que parecia sarampo.

A estreia no cinema de Sofia Villani Scicolone foi como figurante em Quo Vadis (1951). Ficou conhecida artisticamente como **Sophia Loren**.

Foi convidada pelo diretor Vittorio De Sica para participar de O Ouro de Nápoles (1954), iniciando, assim, a sua carreira de sucesso no cinema italiano. Trabalhou com grandes diretores, além de De Sica, Federico Fellini, Ettore Scola, Lina Wetmüller.

Conquistou também fama no cinema americano, recebendo o Oscar de melhor atriz, em 1962, pelo filme Duas Mulheres (Vittorio De Sica) e, em 1988, o Leão de Ouro, por sua carreira. Nos anos 90, ganhou o Oscar pelo conjunto de sua obra.

Sophia, uma das atrizes mais reconhecidas e amadas da história do cinema, foi considerada, em 1999, pela Revista People, a mulher mais bela, sensual e talentosa dos últimos tempos.

Uma outra grande atriz foi **Claudia Cardinale**, filha de pais sicilianos, nascida em Túnis, em 15 de abril de 1939.

Atuou em filmes importantes e de qualidade como: Il Gattopardo e Rocco e i suoi fratelli, de Visconti, 81/2, de Fellini, Era uma vez na América,

de Sergio Leone e também A Pantera Cor de Rosa e Fitzcarraldo, dentre outros.

Durante a década de 50, o cinema continuava popular, mas começava a enfrentar uma grande concorrente: a televisão. Ídolos, como Brigitte Bardot, invadiam os Estados Unidos, Akira Kurosawa estava no auge da carreira, e o cinema indiano começava a ganhar destaque.

John Wayne, James Stuart, Randolph Scott, Henry Fonda, Steve McQuenn, Kirk Douglas, Charles Bronson e tantos outros viveram notáveis personagens em filmes de faroeste americano.

O faroeste italiano surgiu sob o comando de Sergio Leone com inúmeros filmes de sucesso, além de Giuliano Gemma, James Coburn, Clint Eastwood, Richard Harrison e muitos outros, foram atores importantes de muito sucesso.

Eu assistia a todos, cinéfilo que era, depois de um curso, no Museu de Arte Moderna, conduzido pelo Diretor José Sanz.

Capítulo 8 O FUTEBOL

As minhas memórias não poderiam esquecer o futebol, brasileiro, campeonatos, Copas do Mundo e tantas alegrias e decepções que tal esporte das multidões, como era conhecido, deixou.

Começo pelo Fluminense de 1918, de Marcos Carneiro de Mendonça, o goleiro das camisas de seda, e do time Marcos, Vidal e Chico Neto, Lais, Osvaldo e Fortes, Mano, Zezé, Welfare, French e Machado.

O Fluminense de 1936, quando vim ao mundo, era Batatais, Guimarães e Machado, Marcial, Brant e Orozimbo, Sobral, Vicentino, Raul, Romeu e Hércules. Em 1946, o supercampeão era Robertinho, Gualter e Haroldo, Pascoal, Telesca e Bigode, Pedro Amorim, Ademir, Simões ou Careca, Orlando e Rodrigues.

1951 foi um ano importante para o futebol do Fluminense, tendo Zezé Moreira como técnico. O Flu foi campeão com Castilho, Píndaro e Pinheiro, Jair, Edson e Bigode, Telê, Didi, Carlyle, Orlando e Rodrigues.

Inevitavelmente, chegamos ao Estádio Mario Filho, construído para a Copa do Mundo de 1950 e, depois de uma importante reforma, para a Copa do Mundo de 2014. Foi inaugurado em 1950, e lá estava eu para assistir um amistoso Rio x São Paulo. O clube paulista trouxe o goleiro Osvaldo Topete, que depois viria a ser titular no timaço do Bangu, Djalma Santos e Brandãozinho, enquanto o Rio tinha Didi, que fez um golaço de “folha seca”. A partida terminou com 3 a 1 para São Paulo.

A grande tragédia futebolística foi a nossa derrota, por 2 a 1, na final da Copa de 50, com 200 mil pessoas no Maracanã, depois de estarmos ganhando de 1 a 0. O goleiro Barbosa foi injustamente considerado o culpado do gol de Gighia, ponta direita do Uruguai, que tornou-se o campeão do mundo. O Brasil tornou-se Campeão do Mundo em 1958, em 1962, em 1970, em 1994 e, finalmente, o penta em 2002.

Capítulo 9 A POLÍTICA

Em 1930, assume a Presidência da República o gaúcho de São Borja Getúlio Vargas. Formulando uma mensagem um tanto demagógica, propunha criar uma gestão trabalhista voltada para construir uma nova classe social para os pobres e desvalidos da sorte.

Foi Presidente do Brasil em dois períodos. O primeiro período foi de 15 anos ininterruptos, de 1930 até 1945, e dividiu-se em 3 fases: de 1930 a 1934, como chefe do Governo Provisório; de 1934 até 1937, como Presidente da República, do Governo Constitucional, tendo sido eleito Presidente da República pela Assembleia Nacional Constituinte de 1934; e, de 1937 a 1945, como Presidente-ditador, durante o Estado Novo, implantado após um golpe de estado.

No segundo período, em que foi eleito por voto direto, Getúlio governou o Brasil como Presidente da República por 3 anos e meio, de 31 de janeiro de 1951 até 24 de agosto de 1954, quando se suicidou. De fato, foi um período de muito progresso social e econômico, em plena época da segunda guerra mundial.

O governo instituiu a legislação trabalhista, dando muitos direitos aos trabalhadores, criou a Previdência Social, visando as aposentadorias e a cobertura de saúde dos empregados.

Na área da educação, que fez-me seu eleitor, instalou escolas técnicas em todas as capitais e tornou o ensino secundário optativo para o clássico ou o científico, procurando direcioná-lo segundo as vocações dos jovens para as profissões de nível superior. Criou o SENAI e o SESI para a formação e assistência social de aprendizes e trabalhadores. Implantou os cursos normais de formação de professores para o ensino primário. No âmbito empresarial criou a Petrobras, a Fábrica Nacional de Motores, as refinarias no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro, promoveu a Criação de fábricas de papel. Em 1938, implantou o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 1940, a

Companhia Siderúrgica Nacional, em 1942, a Vale do Rio Doce e, em 1945, a Hidrelétrica do Vale do São Francisco.

Cometeu suicídio no ano de 1954, com um tiro no coração, em seu quarto, no Palácio do Catete, na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal.

Foi sucedido por Dutra, um general do exército que era o seu Ministro da Guerra. Depois foi a vez de Juscelino Kubitschek, que passou o governo para Jânio Quadros, que afinal renunciou, criando uma grande turbulência em torno do seu sucessor, o Vice João Goulart. Este, definido pelos militares como comunista, foi afastado em 1964, para início de uma ditadura militar que durou 21 anos.

No dia 15 de janeiro de 1985, Tancredo Neves foi eleito presidente do país, mas faleceu antes de tomar posse. O seu Vice-Presidente, José Sarney, assumiu, ficando por quatro anos no poder.

Em seguida, foi eleito Fernando Collor de Mello, a primeira grande esperança brasileira, mas que foi deposto, acusado de corrupção. Novamente ocupa a Presidência um Vice, Itamar Franco, para cumprir os dois anos restantes da administração de Collor.

Em uma eleição muito disputada com Luiz Inácio Lula da Silva sai vencedor o Ministro de Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso, que permaneceu por oito anos, depois de vencer o candidato Lula da Silva, que viria a ser seu sucessor também com dois mandatos.

Lula indica sua Ministra Dilma Roussef, que foi eleita, embora sem currículo expressivo, e nunca tendo assumido um cargo executivo importante.

Sua gestão foi muito criticada, mas, ainda assim, ao final, foi reeleita.

Com dois anos de grandes dificuldades foi deposta do cargo.

O Vice-Presidente Michel Temer assumiu por dois anos e, ao final, com as eleições gerais, em 2018, em que saiu vitorioso, com expressiva margem de votos, o Deputado Federal Jair Bolsonaro.

Um fato marcante do período foi o processo contra o ex-Presidente Lula, que resultou na sua prisão em primeira e segunda instâncias.

Capítulo 10
VIDA ESCOLAR

Tudo começou quando, aos cinco anos, minha mãe levou-me para o Colégio Franco Brasileiro, na rua Figueiredo de Magalhães, em Copacabana. Nós morávamos na rua Santa Clara e minha avó materna na rua Anita Garibaldi, todos muito próximos.

Chorei muito nos primeiros dias, mas depois gostei muito. A proprietária chamava-se Mademoiselle Du Tarry e a Professora, Dona Benilde. As aulas começavam com a formatura das turmas cantando o Hino Nacional Brasileiro e o francês, ou seja, a Marseillaise.

Ficávamos até às 16 horas, quando minha mãe ia buscar-me.

De alguns colegas nunca esqueci, todos já falecidos, Vera Maria Teixeira e Geraldo Jordão Pereira, filhos do Editor José Olympio e de Vera Pacheco Jordão. Vera e Geraldo tornaram-se importantes intelectuais, sendo o segundo proprietário da Editora Sextante. Ney Duque Estrada, colega, inclusive posteriormente no Colégio Santo Inácio, formou-se em Medicina.

Quando concluí o curso primário, minha mãe levou-me ao Santo Inácio para cursar o admissão ao ginásio. Ocorre que, por pedido dela, fiz uma prova com o Professor Gonçalves, de Francês e Português, que entendeu que eu estava apto para cursar o primeiro ano do ginásio e assim foi feito. Hoje eu afirmo que teria sido melhor ter cursado o admissão, para mais amadurecimento. Penei muito para acompanhar as disciplinas e o modelo pedagógico do ginásio, eu que saíra de um primário familiar onde todos cuidavam de mim com muito carinho.

Do ginásio segui para o científico, pois a família gostaria que fosse engenheiro. Estudei muito, mas foi bom ao final.

Do Santo Inácio passei para a Escola Politécnica da Universidade Católica – EPUC, ao lado do colégio.

Os meus colegas de tantos anos, sete de ginásio e científico, e outros cinco de EPUC, em sua maioria, tornaram-se queridos e inesquecíveis amigos.

Anos depois, quando já estava aposentado, ingressei no Ensino Superior e concluí o Doutorado em Educação, na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, na Urca, com muito orgulho e ótimos Professores e colegas.

Capítulo 11
VIDA PROFISSIONAL

O meu Pai, no final da segunda grande guerra, mesmo sendo alemão naturalizado brasileiro, entrou em grandes dificuldades no seu escritório de Comércio Exterior perdendo clientes para exportação de produtos. Ao final optou por falência.

Foi um período muito difícil para a minha família, a minha mãe, embora muito culta, nunca havia trabalhado e, além da minha irmã, tínhamos um novo irmão nascido em 1944.

Os anos se passaram com enorme dificuldade para nós até que, em 1950, a minha mãe conseguiu um emprego no SENAI-RJ e meu pai fazendo umas traduções, já que falava vários idiomas com fluência as finanças domésticas melhoraram um pouco. Eu tinha uma bolsa integral no Colégio Santo Inácio e assim fomos seguindo e, em 1953, conclui o Científico e logo ingressei no Curso de Engenharia Mecânica da EPUC.

No mesmo período, 1955 a 1958, fiz o Serviço Militar no CIORM-Centro de Instrução de Oficiais da Reserva da Marinha, concluindo como 2º Tenente da Reserva da Marinha.

A partir de então, comecei a ministrar aulas particulares de matemática e, como tinha muitas alunas e alunos, obtinha uma receita razoável.

Em 1957, como minha mãe trabalhava no SENAI, ela conseguiu que eu ingressasse como Professor de Matemática, no curso noturno da Escola SENAI de Mecânica, em Triagem.

A partir de então fiz uma carreira de 40 anos no SENAI, ocupando cargos de Professor, Diretor de Escola, Diretor de Planejamento, Diretor de Operações e, finalmente, Diretor Regional do SENAI do Estado do Rio de Janeiro por 19 anos.

Entre 1959 e 1964, fui Professor de Matemática da Escola Profissional da Light.

Em 1964, quando eu já era Diretor da Escola de Mecânica de Automóveis, em frente a UERJ, no bairro do Maracanã, decidi tentar uma experiência na minha profissão de Engenheiro Mecânico, atendendo a uma seleção da Ford Motor do Brasil, em São Paulo, visando ao lançamento do modelo Galaxie, primeiro veículo de passageiros a ser fabricado pela Ford, no Brasil. O então Diretor Regional, Engenheiro Licério Alfredo Schreiner, concordou em conceder-me uma licença de dois anos.

Foi uma passagem profissional excepcional, aprendi muito, fiz muitas amizades, mas, em 1966, tive de retornar ao Rio de Janeiro, devido à doença do meu filho, com 5 anos, que por orientação médica não poderia viver no clima de São Paulo.

Retornei ao SENAI e o então o Diretor Regional, Saulo Diniz Swerts, um querido amigo, me designou seu assistente, como já o fora na Escola de Mecânica de Automóveis, quando ele era o Diretor. Depois ele foi designado Assistente do citado Dr. Licério, e eu o substituí na Escola. Com o falecimento do Diretor Regional, em 1966, ele foi designado, pelo Presidente da Firjan, seu substituto e então foi a minha oportunidade de ser seu Assistente.

Eu dava cobertura orientando os cursos noturnos das quatro Escolas do SENAI do Rio de Janeiro, Mecânica; Mecânica de Automóveis; Artes Gráficas e Construção Civil, e criando o modelo de treinamento nas empresas de construção civil.

Para melhorar o meu salário me inscrevi num concurso para Engenheiro do Departamento de Portos e Vias Navegáveis, do Governo Federal, que ficava na Praça Mauá. Passei e, em 1967, fui designado Chefe da Comissão de Obras do Vale do Paraíba, que me permitia viajar para Campos dos Goitacazes e São João da Barra, nos fins de semana, de modo a fiscalizar as obras que foram contratadas na região e, assim, trabalhar durante a semana apenas um turno.

Em 1970, foi criada a PORTOBRAS, em Brasília, e o Departamento de Portos do Rio, extinto. Como não poderia ir para Brasília pedi demissão,

agradecendo aos colegas que sempre foram atenciosos comigo e ao Diretor Geral, Dr. José Carlos Chermont de Brito, pela confiança e amizade.

No SENAI, devido à fusão dos Estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, em 1975, os dois Departamentos Regionais do SENAI também foram reunidos em um com a denominação de Departamento Regional do SENAI do Estado do Rio de Janeiro.

Eu fui nomeado Diretor de Planejamento e Avaliação e, em 1977, quando o Doutor Saulo Diniz Swerts foi designado Diretor Nacional do SENAI, passei a ocupar o cargo de Diretor Regional do SENAI do Estado do Rio de Janeiro, onde permaneci até 1997, quando me aposentei. Neste período, tendo o ilustre Doutor Arthur João Donato como Presidente da FIRJAN e meu superior, realizei muitos empreendimentos importantes, tais como implantar novas unidades de formação profissional a saber: na Capital, Artes Gráficas, Paciência e Centro de Transportes (Deodoro) e, no interior, Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Barra Mansa, Resende, Mendes, além de reformar e ampliar as de Niterói, Campos e Nova Friburgo. A de Vassouras foi transformada em Centro Tecnológico de Alimentos e Cervejas, a de Mecânica de Automóveis, na Capital, em Centro Tecnológico de Solda e a de Mecânica, em Centro Tecnológico de Mecânica Geral e Comandos Numéricos. No Edifício-Sede, nas instalações dos andares superiores da garagem, foi instalada a Escola de Panificação, e no térreo, a de Mecânica de Automóveis. A Escola de Construção Civil recebeu a unidade de Cerâmica Vermelha e a de Meio Ambiente.

A devoção a Nossa Senhora resultou na instalação, em dezembro de 1985, de uma Capela, no Edifício-Sede do SENAI RJ. O Reverendo Padre Mazzoti tornou-se o nosso capelão, celebrando missas mensais e em datas religiosas, com a presença de muitos servidores.

Em 1982, foi criada a Medalha do Mérito Educatio et Labor, do SENAI RIO, premiando autoridades da Educação Profissional como Paulo Tolle, ex-Diretor do SENAI SP, Edgar Julius Barbosa Arp, Presidente do Conselho do CETIQT, Padre Jesus Hortal Sanchez, ex-Reitor da PUC-Rio, Carlos Alberto Serpa de Oliveira, Presidente da Fundação CESGRANRIO, Governador Marcelo Alencar, Paulo Alcântara Gomes, ex-Reitor da UFRJ,

Carlos Chagas, Reitor e emérito educador da UFRJ, Ítalo Bolonha, Arivaldo Fontes e Saulo Diniz Swerts, ex-Diretores Gerais do SENAI e muitos outros.

Começa então a minha vida no Ensino Superior, primeiramente em 1997, como Diretor Geral da Faculdade da Cidade e, depois, Reitor da UNIVERCIDADE, até o ano 2000.

Saio da UNIVERCIDADE e a convite do Secretário de Estado de Desenvolvimento Econômico, Tito Ryff, passo a ser seu Chefe de Gabinete, em 2000.

Em 2007, ocorrendo a mudança na organização do Estado, passo ao cargo de Chefe de Gabinete do Secretário de Ciência e Tecnologia, Alexandre Cardoso, por dois mandatos.

Ao longo do período 2004 a 2010, à noite, dirijo a Coordenação de Cursos Superiores, do Centro de Ciências Sociais e Aplicadas e presido a CPA (Comissão Permanente de Avaliação) da Universidade Veiga de Almeida.

Em 2011, ingresso na Fundação Cesgranrio como Professor Adjunto do Mestrado Profissional em Avaliação.

Avaliação do MEC

Durante um certo período aceitei as funções de Avaliador Institucional do MEC, realizando inúmeras avaliações pelo Brasil. Foi uma boa experiência adquirida, porém extremamente cansativa, o que determinou não oferecer mais ao MEC a minha disponibilidade.

A seguir algumas instituições que avaleiei:

ESCOLA SUPERIOR MADRE CELESTE 43820-Unidade SEDE Ananindeua/PA	201102593 Recredenciamento 3 avaliador(es) Avaliação de Regulação	22/08/2013
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS 2228-Unidade/Polo BH Barreiro Belo Horizonte/MG	201012309 Recredenciamento EAD 3 avaliador(es) Avaliação de Regulação	04/03/2013
FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS 1633-Unidade SEDE Jaboticabal/SP	20076658 Recredenciamento 3 avaliador(es) Avaliação de Protocolo	10/02/2012

Fragmentos de uma vida...

CENTRO UNIVERSITÁRIO SANTA RITA 5133-CAMPUS - SÃO PAULO - JAÇANÃ São Paulo/SP	201108744 Recredenciamento 3 avaliador(es) Avaliação de Regulação	26/03/2012
FACULDADE DE TECNOLOGIA EM CIÊNCIAS DA SAÚDE 33434-Unidade SEDE Goiânia/GO	20075420 Credenciamento 3 avaliador(es) Avaliação de Regulação	18/05/2011
FACULDADE SÃO SEBASTIÃO 5287-CAMPUS - SÃO SEBASTIÃO - VILA AMÉLIA São Sebastião/SP	200807366 Recredenciamento 3 avaliador(es) Avaliação de Regulação	13/12/2010
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA 6448-CAMPUS DE SALVADOR Salvador/BA	20074007 Recredenciamento 3 avaliador(es) Avaliação de Regulação	03/10/2010
CENTRO UNIVERSITÁRIO UNI-HORIZONTES 33844-SEDE -CAMPUS - BELO HORIZONTE - SANTO AGOSTINHO Belo Horizonte/MG	200815773 Recredenciamento 3 avaliador(es) Avaliação de Regulação	17/09/2010
FACULDADE PROMOVE DE SETE LAGOAS 34089-Unidade SEDE Sete Lagoas/MG	20076964 Recredenciamento 3 avaliador(es) Avaliação de Regulação	17/09/2010
INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR DE BAURU 5005-UNIDADE - BAURU - CENTRO Bauru/SP	20075501 Recredenciamento 3 avaliador(es) Avaliação de Regulação	18/08/2010
FACULDADE DE PORTO FELIZ 43442-Unidade SEDE Porto Feliz/SP	200813213 Credenciamento 3 avaliador(es) Avaliação de Regulação	08/07/2010
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DO SUDESTE PAULISTA 39755-Unidade SEDE Itapetininga/SP	200808627 Credenciamento 3 avaliador(es) Avaliação de Regulação	23/07/2010

Capítulo 12 HISTÓRIAS IMPORTANTES

Estrela Prisioneira

Na década de 70, do século XX, o SENAI RJ possuía um símbolo denominado Estrela Prisioneira, que era motivo de orgulho dos empregados por sua beleza e que revelava, intrinsecamente, competência, inovação, qualidade, liderança, enfim, as unidades faziam questão de tê-lo como uma escultura na entrada dos prédios.



Figura 11: Estrela Prisioneira

Poucos conhecem, no entanto, a sua origem.

Era uma vez um competente instrutor de mecânica, do Centro de Tecnologia Euvaldo Lodi, situado em Benfica, que resolveu criar uma peça que reunisse, na sua fabricação, todas as operações da profissão de torneiro mecânico. Foi um projeto que tomou-lhe muitas horas e dias de estudo, até que ficou pronta a linda peça, que poderia ser fabricada em qualquer tipo de matéria prima. O Diretor Regional da época, Saulo Diniz Swerts, empolgado com o trabalho, decidiu instituí-lo como símbolo do Departamento Regional e, para tal, promoveu um concurso para a escolha do nome da peça.

Foi escolhido, sem muito sucesso, um nome complicado que não agradou.

O SENAI recebera um terreno para construir uma unidade, na área ao lado da Vila Militar, e que seria inaugurada pelo Presidente Ernesto Geisel. Na data programada, o Presidente, acompanhado de importantes militares do Comando Regional e de empresários do Sistema Firjan, visitou as instalações

da unidade e, ao final um aluno emocionado entrega-lhe, como lembrança, uma caixa de madeira, guardando uma peça linda em bronze brilhante. O Presidente, surpreso, e também emocionado, pergunta ao jovem qual o nome da peça.

De imediato ele responde ESTRELA PRISIONEIRA e os presentes aplaudem entusiasticamente o fato.

Estava batizado o símbolo do SENAI do Rio de Janeiro.

Eu e a Poesia

Eu sempre gostei de poesias, desde rapaz tentava escrever versos e cheguei, até mesmo, a escrever um livro com poesias: HAIKAI. De fato o que me atraía era a declamação. Consegui os cassetes da época com todas as declamações do Mestre português João Villaret e o seu livro onde ensinava como escolher as obras que eram boas de serem declamadas e as diferenças entre declamar e recitar uma poesia.

No SENAI, organizei alguns espetáculos comemorativos de encerramento do ano, reunindo colegas funcionários que participavam, como cantores e instrumentistas, em muitas canções populares, e eu declamava poesias, que tinham relação com os temas. Foram seguramente de muito sucesso.

Quando visitei Portugal, convidado pelo meu colega Mário Rodrigues Correa, já falecido, que dirigia uma escola oficial de formação em alimentação, tive oportunidade de declamar, com instrumentistas portugueses, em casas noturnas de Lisboa, poemas de Fernando Pessoa e José Régio. Recebi uma Medalha de bronze comemorativa, homenageando o poeta e que guardo com muito carinho.

Certa vez...

Certa vez, pelos idos de 1952, veio ao Brasil, em excursão, o time de basquete dos Globe Trotters. Ficaram hospedados na Avenida Atlântica, no Hotel Olinda, e jogavam, à noite, no Maracanãzinho.

Era um sábado e, pela manhã, a nossa “turma” estava reunida na praia, como fazíamos sempre.

O mar estava muito agitado, quase uma ressaca e as valas (correntezas) eram perigosas.

De repente, chegam os enormes jogadores americanos, negros de mais de 2 metros de altura, felizes em estarem na areia da famosa Copacabana.

Nós logo comentamos que só faltava eles caírem no mar e se afogarem.

O nosso local ficava a uns 300 metros do Posto de Salvamento, onde localizavam-se os Salva Vidas do Corpo de Bombeiros. Estava criado o clima para a tragédia.

Dois jogadores entram no mar e logo são puxados pela correnteza!

Debatendo-se em desespero, certamente iriam morrer, pois não daria tempo de serem salvos pelos bombeiros.

Os que entendem o mar, como nós, sabem que nas valas não se deve tentar nadar contra a correnteza, pois não vão conseguir sair e ficarão exaustos e bebendo água até morrer.

Um colega de praia e eu entramos no mar para tentar salvá-los. Foi uma arriscada decisão, eram muito fortes e queriam se agarrar nos nossos pescoços e nos braços. Estávamos tentando acompanhar a correnteza até um ponto onde ela enfraquece e então levá-los para o lado onde o mar estaria mais calmo e, talvez, fosse menos fundo, já que, além de tudo, na correnteza era muito fundo.

Pensei que não escaparia, o atleta era muito forte e pesado e completamente desesperado.

Pensei e decidi, dei um belo soco na ponta do queixo do que estava comigo, que apagou, o meu colega fez o mesmo e logo nadamos umas poucas braçadas e chegamos ao local do mar sem correnteza. Os outros amigos nossos vieram ajudar a tirar os dois do mar e deitá-los na areia.

Nisso chegaram os bombeiros e praticaram os exercícios para recuperar a respiração, boca a boca, e depois colocá-los de bruços para expelirem a água que beberam.

Estavam salvos.

Fragmentos de uma vida...

Depois foram levados pelos seus companheiros para o hotel, e nós continuamos o jogo de voleibol que fora interrompido.

Passado algum tempo, chegou o Chefe da delegação, para agradecer o salvamento e oferecer ingressos para o camarote, no jogo da noite.

Lógico que fomos na própria condução deles.

Capítulo 13 **AMENIDADES**

Na mocidade não havia play grounds nos edifícios e a maioria das residências eram casas com jardins e varandas. Assim os jovens se reuniam nas esquinas das ruas dos bairros e os grupos eram denominados de “turmas”. A nossa turma de rapazes e moças se compunha de umas 20 pessoas, nem sempre todas presentes mas, aos sábados, o grupo era bem grande. Ocasionalmente havia festas de dança com música de vitrolas e salgadinhos com refrigerantes e, para alguns, Cuba Libre (rum e Coca Cola).

A morte do Major Rubem Vaz

Nos fins de semana o programa das manhãs era praia com rede de vôlei. As tardes de sábados eram para os rapazes, na maioria, participarem como jogadores ou torcidas do futebol de areia.

Certa noite, estávamos reunidos batendo papo, lá pelas 10 horas, na esquina da rua Hilário de Gouveia com Toneleros, em frente ao número 180, Edifício Albervânia, onde residiam Oscarito, o Senador Vitorino Freire, pai do compositor e nosso colega de turma Lula Freire, e o importante jornalista Carlos Lacerda, proprietário do jornal Tribuna da Imprensa, em grande campanha contra o Presidente Getúlio Vargas.

Surgiu um veículo conduzindo o jornalista e seu filho Sergio com a segurança do Major da Aeronáutica Rubem Vaz. Retornavam de encontro político no Clube da Lanterna. De repente, apareceu um individuo armado querendo matar o jornalista. O Major saltou e procurou desarmar o bandido, mas é baleado e morto. O assassino foge para a rua Paula Freitas e Lacerda se protegeu na garagem do edifício depois de receber um tiro na perna.

Nós corremos atrás do assassino que fugiu pelo jardim da Igreja Protestante que ficava na outra esquina e desapareceu.

Começava o processo que levaria ao suicídio do Presidente Vargas.

A Bossa Nova

Nos anos 60 do século XX iniciava-se um movimento musical de notável expressão para o Brasil, a Bossa Nova.

Tudo começou com Roberto Carlos e as tardes de domingo na TV RIO no posto 6. A garotada se divertia muito com as canções que passaram a concorrer com as de dor de cotovelo, lindas é verdade, na voz de Dolores Duran, Tito Madi, Elizete Cardoso, Bill Farney e tantos outros.

Aos poucos surgem os Festivais da Canção que oferecem um novo conceito musical com jovens autores muito inspirados.

O primeiro festival de competição entre canções criado com base no Festival de Sanremo, aconteceu no Grande Hotel do Guarujá, no dia 3 de dezembro de 1960.

O II Festival de Música Popular Brasileira contou com 2.635 inscrições em setembro e outubro de 1966.

A finalíssima ocorreu em 10 de outubro de 1966. Jair Rodrigues, com Disparada, de Geraldo Vandré, foi o vencedor.

Logo depois dos muitos festivais despontam Tom Jobim, João Gilberto, Caetano Veloso, Chico Buarque, Gilberto Gil, Maria Betânia, Gal Costa, e muitos outros. Destaque especial para Vinicius de Moraes e Toquinho.

Dentro do contexto das Amenidades vale comentar a construção do Interceptor Oceânico de Copacabana, que foi viabilizado pela duplicação da Avenida Atlântica, seguindo a construção do Aterro do Flamengo, dos Túneis Santa Bárbara e Rebouças.

Eu mesmo, no período da construção, andei no seu interior, construído com requintes de qualidade, sendo todo revestido de azulejos.

A Zona Sul se embelezava, porém com a certeza da influência futura, que se antecipava com a Barra e o Recreio.

Os Carnavais

O carnaval chegou ao Brasil em meados do século XVII, sob influência das festas carnavalescas que aconteciam na Europa. Em alguns países, como a França, o carnaval acontecia em forma de desfiles urbanos, ou seja, os carnavalescos usavam máscaras e fantasias e saíam pelas ruas comemorando.

Certos personagens têm origem europeia, mas, mesmo assim, foram incorporados ao carnaval brasileiro como, por exemplo, rei momo, pierrô, colombina.

A partir desse período, os primeiros blocos carnavalescos, cordões e os famosos cortejos de automóveis (corsos) foram criados, mas só se popularizaram no começo do século XX.

As pessoas decoravam seus carros, fantasiavam-se e, em grupos, desfilavam pelas ruas das cidades, dando origem assim aos carros alegóricos. O carnaval tornou-se mais popular no decorrer do século XX e teve um crescimento considerável que ocorreu devido às marchinhas carnavalescas (músicas que faziam o carnaval ficar mais animado).

A primeira escola de samba foi criada no dia 12 de agosto de 1928, no Rio de Janeiro, e chamava-se “Deixa Falar”, anos depois seu nome foi modificado para Estácio de Sá. Com isso, nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo foram surgindo novas escolas de samba. Organizaram-se em Ligas de Escolas de Samba e iniciaram os primeiros campeonatos para escolher qual escola era a mais bonita e a mais animada. A região nordeste permaneceu com as tradições originais do carnaval de rua, como Recife e Olinda. Já na Bahia o carnaval fugiu da tradição, conta com trios elétricos, embalados por músicas dançantes, em especial o axé.

Apesar de ser uma festa em que o Brasil é seu maior representante, o Carnaval foi criado muito longe daqui, sem direito a samba, batuque e fantasias. Sua origem remonta ao território grego – no período entre 600 e 520 a.c., com intuito de celebrar o fim do inverno e o início da época de plantações.

No século 11, a Igreja Católica incluiu o festejo em seu calendário sinalizando o início do período quaresmal. Durante quatro dias, os fiéis poderiam comer carne a vontade.

Os portugueses trouxeram a festa para o Brasil, mas somente com a gravação do samba Pelo Telefone (1917) é que começou a tomar a forma que conhecemos hoje. Entre desfiles de escolas de samba e animados blocos de rua, selecionamos as principais festas espalhadas pelo Brasil.

Blocos de rua do Rio de Janeiro

O Carnaval do Rio começa em janeiro, com os mais de 400 blocos de rua que recebem permissão para desfilar. Há o tradicional Cordão da Bola Preta, na Cinelândia; o Suvaco do Cristo, com concentração no Jardim Botânico, o animado Largo do Machado, Mas Não Largo do Copo, que se concentra na Adegá Portugália, o Imprensa que eu gamo, na rua Gago Coutinho. Para os que preferem as ruas de Ipanema, o Simpatia É Quase Amor tem concentração na Praça General Osório. Um bloco tradicional é a Banda de Ipanema. Um dos mais divertidos é o Bloco das Carmelitas, de Santa Tereza, uma irreverente homenagem ao Convento das Carmelitas, no mesmo bairro.

Sambódromo da Marquês de Sapucaí, no Rio de Janeiro

A beleza dos desfiles na Rua Marquês de Sapucaí, que recebe quase 60 mil pessoas por noite, fez a fama do Carnaval no Rio de Janeiro. É no sambódromo inaugurado em 1984, chamado Passarela Darcy Ribeiro, que as 12 escolas do Grupo Especial desfilam durante dois dias. Mas elas não são as únicas a compor a festa. As agremiações do Grupo de Acesso disputam o primeiro lugar para ascender ao Grupo Especial, já as do Grupo de Base têm origem popular e são caracterizadas por serem pequenas.

Os Ônibus Elétricos

No Governo Carlos Lacerda no início dos anos 60 surgiu uma proposta de um Coronel da Aeronáutica, que tornou-se logo conhecido pelas suas atitudes inovadoras como, por exemplo, trocar os bondes que eram uma tradição histórica da cidade por ônibus elétricos, que ao contrário dos bondes

não tinham trilhos e sim antenas de ferro que se apoiavam em cabos elétricos espalhados pela cidade.

O personagem chamava-se Coronel Fontenele que também criou muitos problemas proibindo veículos estacionarem nas ruas do Centro da Cidade e em alguns bairros.

Todas as iniciativas fracassaram!

Quando eu fui morar em São Paulo deparei-me com o Coronel Fontenele nomeado pelo Governador Brigadeiro Faria Lima, com atribuições semelhantes causando grande revolta na população. Lamentavelmente Fontenele passou mal num programa de TV, debatendo o assunto de melhorias urbanas, vindo a falecer com a TV no ar.

As minhas viagens

Por força de minha atividade profissional viajei muito pelo mundo.

A primeira ocorreu integrando um grupo do SENAI em 1968, aos Estados Unidos, percorrendo várias cidades, durante três meses de outubro a dezembro.

Em 1969 acompanhando um empresário da ainda Fieg, o falecido Paulo Sofia, fomos a Espanha conhecer o Programa de Treinamento de Operários e, em Portugal, visitando o Instituto Alimentar, que possuía um vasto programa de treinamento empresarial.

Em 1971, estive em Paris, estudando Planejamento Educacional no IIPÉ Instituto Internacional de Planificação Educacional, da UNESCO.

Em 1972, na Colômbia e na Venezuela em importantes missões já no campo da Avaliação com a OIT e o Perito Pierre Drouet.

No Uruguai e também em 1972, na reunião de Avaliadores da América do Sul.

Como Diretor da Divisão de Planejamento e Avaliação do SENAI-RJ percorri a maioria dos Estados Brasileiros implantando, com técnicos do Departamento Nacional do SENAI, as atividades de Planejamento e Avaliação nos Departamentos Regionais.

Fragmentos de uma vida...

Em 1978, tendo sido nomeado Diretor do Departamento Regional do SENAI-RJ, as minhas viagens pelo Brasil aumentaram na medida dos inúmeros encontros com colegas Diretores de outros Regionais.

Por outro lado, fui instado a viajar para países da Europa como Alemanha, França, Itália, Inglaterra, Portugal, Espanha, e também Austrália, Japão e Canada.

Em missão da OIT, conheci Berlim Oriental, em 1981, antes da queda do Muro, tendo sido nomeado Vice-Presidente do Congresso Mundial de Ensino Técnico, repetindo o ocorrido na Berlim Ocidental dois anos antes.

Viajei, também, de férias para o Uruguai e Argentina e algumas idas aos EUA em pleno Inverno em Congressos de Transportes e Segurança.

Como Avaliador do MEC, fiz muitas viagens pelo Brasil citadas anteriormente.

Relógios

Um dos gostos raros que tenho são os relógios, sejam de pulso, de bolso ou algibeira e, principalmente, os de paredes. Este quase vício tem uma restrição, qual seja, boas paredes.



Figura 12: Relógios na parede do apartamento do Cosme Velho

Conseguir boas paredes é difícil. Cheguei certa vez a ter cerca de 30 nas paredes do meu apartamento. Hoje estou reduzido a 4.

Dizem os entendidos, e que me conhecem, daí veio a minha preocupação com os horários, sejam compromissos ou mesmo café da manhã, almoço e jantar.

No passado procurei estudar as grandes marcas, como Ansônia, Jungham, Herweg e outras, hoje restam poucas, mas o gosto continua.

Minhas importantes e afetuosas REFERÊNCIAS

Em questões de competência e liderança, ideologia é secundária.

Os citados a seguir poderiam ter sido, em muitos momentos, queridos amigos que de fato não tive, apenas foram fruto da minha imaginação.

Carlos José Castilho

Considerado o melhor goleiro da história do Fluminense-RJ, Carlos José Castilho, nasceu em 27 de novembro de 1927, no Rio de Janeiro. Morreu no dia 2 de fevereiro de 1987, quando cometeu suicídio jogando-se do sétimo andar de um edifício em Bonsucesso-RJ. Esse apartamento era ocupado pela sua ex-esposa, Vilma, mãe de seus dois filhos e avó de seus cinco netos. Castilho era filho de Ezequiel e Mariana Castilho. Sua mãe morreu quando ele tinha 15 anos.

Quando menino, ajudava o pai nas despesas da casa, inclusive, entregando leite de porta em porta, numa carrocinha puxada por um jumento. Iniciou jogando como ponteiro esquerdo do Olaria. Mais tarde, levado pelo sr. Menezes, pai do famoso atacante Ademir Menezes, Castilho foi jogar no Fluminense. Em toda a carreira jogou só por três clubes: Olaria, Fluminense e Paissandu. Atuou com destaques nas seleções cariocas e brasileiras.

Era um excelente goleiro. Tinha uma grande dose de sorte. Num Fla x Flu, vencido cinco vezes, nas cinco a bola bateu na trave. Foi um colecionador de apelidos, tais como: “Castilho”, “São Castilho”, “Touro”, “Cortina Metálica” e “Leiteria”. Este apelido estranho de Leiteria, deve-se que o proprietário de uma Leiteria em Bonsucesso, ter acertado duas vezes na Loteria Federal, em julho e dezembro, fazendo com que o nome Leiteria se tornasse símbolo de sorte.

Assinou seu primeiro contrato no Fluminense por 800 cruzeiros por mês, além de luvas de três mil cruzeiros. Fez sua estreia em 6 de outubro de 1946, contra o Fluminense de Pouso Alegre. O Fluminense carioca venceu por 1 x 0, quando Castilho defendeu uma penalidade máxima.

Como jogador atuou 20 anos, de 1945 a 1965, quando conseguiu acumular 43 títulos. Como jogador da Seleção Brasileira, ele disputou quatro copas do Mundo, 1950, 1954, 1958 e 1962. Foi vice-campeão em 1950 e bicampeão Mundial em 1958 e 1962, conquistou o campeonato Pan-Americano, em 1952, Taça Bernardo O'Higgins, em 1955, Taça Oswaldo Cruz, em 1950 e 1962, e Copa Roca, em 1957.

Num treinamento na Seleção, em 1957, fraturou o dedo mínimo da mão esquerda. A recuperação ia ser demorada e Castilho resolveu amputar parte do dedo, para poder voltar a jogar o mais breve possível no Fluminense. Encerrando a carreira de jogador, ele passou a trabalhar como treinador, onde atuou em vários clubes, conquistando seis títulos. Como prêmios destacamos o Troféu Belfort Duarte, recebido em 4 de janeiro de 1955.

Em 20 de outubro de 2006, teve seu busto inaugurado na sede do Fluminense. No Complexo do Alemão, foi construída uma Vila Olímpica que leva o seu nome. Sua história está relatada em no mínimo cinco livros. Castilho, não era alto, media um metro e oitenta e um centímetros, pesava 75 quilos e era ambidestro. Tinha um grande problema para goleiro, pois era daltônico, o que lhe prejudicava um pouco nos jogos à noite.

Gerson Nunes

Filho e neto de futebolistas profissionais, ele teve um ótimo professor em Zizinho, um dos atacantes brasileiros da Copa do Mundo de 1950, e um grande amigo pessoal de seu pai.

A seleção de 1970

Essa seleção acabaria por vencer a Copa do Mundo do México, com um jogo simplesmente brilhante, moderno e dinâmico. Gérson foi uma das causas, embora uma nova lesão na panturrilha direita estivesse prestes a deixá-lo sem participar. Ele disputou a primeira partida, antes da Checoslováquia, e não voltaria a aparecer até as quartas de final, enfrentando o Peru. Em seguida, Uruguai e Itália na grande final, que marcou o segundo gol que desequilibrou o

título. Sua seleção ganhou o favor dos mexicanos, mostrando um jogo alegre e colorido e graças a um sutil jogo de relações públicas e de confraternização com a própria população azteca, desenhada pelo próprio Havelange.

Didi

Waldir Pereira, o Didi, morreu aos 71 anos, no Hospital Público Pedro Ernesto, no Rio de Janeiro, dia 12 de maio de 2001, dois dias após sofrer cirurgias para retirada de parte do intestino e da vesícula.

Nascido em 08 de outubro de 1929, na cidade de Campos, RJ, marcou 237 gols, 21 deles pela Seleção Brasileira.

Meia habilidoso, ele começou a carreira no Americano (RJ) e depois atuou no Lençoeense (SP), Madureira (RJ), Fluminense (RJ), Botafogo (RJ), Real Madrid (Espanha) e São Paulo.

Didi ficou famoso nos mundiais de 1958 e 1962, nos quais o Brasil foi campeão. Em clubes, o Príncipe Etíope, como era conhecido, destacou-se com a camisa do Fluminense, entre 1947 e 1956, e no Botafogo, de 1956 a 1958 e de 1961 a 1962.

O escritor, dramaturgo e jornalista, além de torcedor do tricolor das Laranjeiras Nelson Rodrigues apelidou Didi de Príncipe Etíope, por causa da sua elegância dentro de campo. O filósofo da bola Neném Prancha também elogiou o elegante atleta. “Quem o vê (Didi) andando pela rua, mesmo sem saber quem é, diz logo: este crioulo é algum troço na vida”, afirmou o ex-roupeiro do Botafogo.

Didi só não brilhou no Real Madrid, em 1959. Boicotado pelo ciumento Alfredo Di Stéfano, o dono do time. Didi não foi o mesmo e retornou ao Botafogo um ano depois.

Uma das jogadas mais brilhantes de Didi, o chute bem colocado, foi batizado como “folha-seca”. Ele jogou pelo São Paulo em 1963 e encerrou a carreira no ano seguinte, em 1964, depois de disputar o Carioca pelo Botafogo.



Figura 13: Fluminense com Didi (agachado - segundo à esquerda)

Vinicius de Moraes

Vinicius de Moraes (1913-1980) foi um poeta e compositor brasileiro. “Garota de Ipanema”, feita em parceria com Antônio Carlos Jobim, é um hino da música popular brasileira. Além de ter sido um dos mais famosos compositores da música popular brasileira e um dos fundadores, nos anos 50, do movimento musical Bossa Nova, foi também importante poeta da segunda fase do Modernismo. Foi também dramaturgo e diplomata.

Fernando Pessoa

Fernando Pessoa (1888-1935) foi um dos mais importantes poetas da língua portuguesa e figura central do Modernismo português. Poeta lírico e nacionalista cultivou uma poesia voltada aos temas tradicionais de Portugal e ao seu lirismo saudosista, que expressa reflexões sobre seu “eu profundo”, suas inquietações, sua solidão e seu tédio. Foi vários poetas ao mesmo tempo, criou heterônimos-poetas com personalidades próprias que escreveram sua poesia.

Fragmentos de uma vida...

Fernando Antônio Nogueira Pessoa nasceu em Lisboa, Portugal, no dia 13 de junho de 1888. Filho de Joaquim de Seabra Pessoa, natural de Lisboa, e de Maria Magdalena Pinheiro Nogueira Pessoa, natural dos Açores. Ficou órfão de pai aos 5 anos de idade. Seu padrasto era o comandante militar João Miguel Rosa, que foi nomeado cônsul de Portugal em Durban, na África do Sul. Acompanhando a família, Fernando seguiu para a África do Sul, onde recebeu educação inglesa. Estudou em colégio de freiras e na Durban High School, onde um dos seus filhos também estudou, porém na Inglaterra.

Segue uma estrofe de um dos mais importantes poemas “Tabacaria”. O longo poema é exemplo marcante do desalento que caracteriza o poeta:

Tabacaria

Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Cecília Meirelles

Cecília Meireles foi escritora, jornalista, professora e pintora, considerada uma das mais importantes poetisas do Brasil.

Sua obra de caráter intimista possui forte influência da psicanálise com foco na temática social.

Embora sua obra apresente características simbolistas, Cecília destacou-se na segunda fase do modernismo no Brasil, no grupo de poetas que consolidaram a “Poesia de 30”.

Cecília Benevides de Carvalho Meireles nasceu no Rio de Janeiro, no dia 7 de novembro de 1901.



Figura 14: Cecília Meireles

Foi criada por sua avó, católica e portuguesa, da Ilha dos Açores. Isso porque seu pai havia morrido três meses antes de seu nascimento e sua mãe quando tinha apenas 3 anos.

Desde pequena recebeu uma educação religiosa e demonstrou grande interesse pela literatura, escrevendo poesias a partir dos 9 anos de idade.

Cursou a Escola Estácio de Sá, concluindo com “distinção e louvor” o curso primário em 1910. Tornou-se professora, diplomando-se no Curso Normal do Instituto de Educação do Rio de Janeiro.

Sua atuação na área da educação não ficou restrita às salas de aula. Isso porque de 1930 a 1931, Cecília trabalhou como jornalista no “Diário de Notícias” contribuindo com textos sobre problemas da educação.

Cecília ficou reconhecida mundialmente, uma vez que suas obras foram traduzidas para muitas línguas.

Em 1934, Cecília Meireles fundou a primeira Biblioteca Infantil do Brasil, no bairro do Botafogo, no Rio de Janeiro.

No Chile, foi inaugurada a “Biblioteca Cecília Meireles”, em 1964, na província de Valparaíso.

Em 1953, Cecília Meireles foi agraciada com o título de “Doutora Honoris Causa” pela Universidade de Déli, na Índia.

Antonio Maria

Antônio Maria Araújo de Moraes (Recife, PE, 1921 - Rio de Janeiro, RJ, 1964). Cronista, locutor, produtor de rádio, caricaturista, compositor e repórter. Inicia sua carreira como radialista na Rádio Clube de Pernambuco, no Recife, em 1938. Muda-se para o Rio de Janeiro em 1940 e trabalha na Rádio Ipanema. Um ano depois volta para o Recife, e, em 1944, vai trabalhar em Fortaleza por um curto período, na Rádio Clube do Ceará. Posteriormente passa a residir em Salvador para dirigir as Emissoras Associadas. Retorna ao Rio de Janeiro em 1947, assume a direção artística da Rádio Tupi e inicia sua colaboração no periódico O Jornal, em que assina a coluna Jornal de Antônio Maria. É nomeado diretor de programação da recém-fundada TV Tupi, em 1951. Ao lado de Chico Anísio (1931-2012), Sérgio Porto (1923–1968) e

Haroldo Barbosa (1915-1979), produz, a partir de 1952, programas humorísticos na Rádio Mayrink Veiga. Durante o ano de 1955, colabora no jornal O Globo, com a coluna Mesa na Pista, comentando a vida noturna das boates de Copacabana. Em 1957, na TV Rio, exerce a função de apresentador dos programas Encontro com Antônio Maria e Rio, Eu Gosto de Você, este com o compositor Ary Barroso (1903-1964). Convidado por Samuel Wainer (1912-1980), em 1959 integra a equipe do jornal Última Hora, e divulga suas crônicas na coluna Romance Policial de Copacabana. Trabalha no jornal Diário da Noite, em 1961. No ano seguinte, lança suas crônicas em O Jornal e, com os jornalistas Otto Lara Resende (1922-1992) e David Nasser (1917-1980), apresenta na TV Tupi o programa de entrevistas Cadeira Giratória. Em consequência de uma cardiopatia, morre no Rio de Janeiro, em 1964. O reconhecimento do seu trabalho de cronista e a publicação de quase todas as suas obras só se dão postumamente.

Paulo Gracindo

Paulo Gracindo nasceu em 16 de junho de 1911, na cidade de Rio de Janeiro, filho de Demócrito Gracindo, que era político e que faleceu em 1928. Foi criado por sua mãe e guardou pela vida a fora a educação, os modos, a nobreza de seu lar. Era um *gentleman*. Estudou direito. Mas desde cedo quis ser ator. Começou cinema, já em 1937 começou a aparecer em filmes. E fez vários: João Ninguém, Tererê Não Resolve, Está tudo aí, Anastácio, 24 horas de Sonho, O Dia é Nosso, Copacabana Palace, A Morta Sem Espelho, A Falecida, Na Mira do Assassinato, Cara a Cara. Aí a televisão já existia, havia bastante tempo no Brasil, e a TV Globo já começava a ganhar nome. Era o ano de 1967. Foi quando foi contratado para fazer A Rainha Louca. Logo depois participou de Terra em Transe, de Glauber Rocha e mais dois ou três outros filmes. Aí voltou-se inteiramente à Globo e à televisão. Fez novelas, seriados, grandes programas. Transformou-se num dos maiores da telinha. Fez as novelas A gata de Vison, A Próxima Atração, Salário Mínimo, O Cafona, Bandeira 2, O Bem Amado, Os Ossos do Barão, Gabriela, O Casarão, Sinal de Alerta, A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água, Pai Herói, Roque Santeiro, Hipertensão, Mandala, Rainha da Sucata, Araponga, Vamp, Mulheres de Areia e Agosto. Enfim, não é necessário registrar mais algum filme que ele tenha feito, ou peça teatral, pois Paulo Gracindo se transformou num dos principais atores nacionais. Seu nome aparecia sempre em primeiro lugar nas

listas dos *casts* de atores. E ele conseguiu ser magnífico, em todos os papéis. Ele marcou a televisão, principalmente como Odorico Paraguaçu, o prefeito da cidade de Sucupira, na novela O Bem Amado, que foi aliás a primeira novela em cores da televisão brasileira. Foi um trabalho inesquecível. Embora tenha ido ao ar em 1973, Odorico Paraguaçu é lembrando até hoje. Paulo Gracindo é pai do ator Gracindo Júnior. E avô dos também atores Daniela Duarte e Gabriel Gracindo. Paulo Gracindo morreu em 4 de setembro de 1995. Mas sua imagem aparece sempre em resenhas, lembranças, elogios e lembranças da televisão brasileira.

Anselmo Duarte

Anselmo começou no cinema como figurante no inacabado filme de Orson Welles no Brasil, *It's All True* (1942). Logo após fez o filme *Querida Susana*, com Nicete Bruno e Tônia Carrero, direção de Alberto Pieralisse. Com *Carnaval no Fogo* (1949), produzido na Atlântida e dirigido por Watson Macedo, ele se torna um dos maiores galãs que o cinema brasileiro já teve.

Em 1951, Anselmo Duarte é contratado pela Vera Cruz, ganhando, então, o maior salário da empresa. Seu primeiro filme na companhia, como ator, foi *Tico-Tico no Fubá* (1952), com Tônia Carrero e Ziembinski, sendo um grande sucesso. Na mesma Vera Cruz, fez também *Apassionata*, *Veneno e Sinhá Moça* (1952). Estreia na direção com *Absolutamente Certo* (1957), mostrando-se ser, depois, um grande diretor de cinema.

Ganhou a Palma de Ouro e o Prêmio Especial do Júri no Festival de Cannes, em 1962, com *O Pagador de Promessas*, filme que também concorreu ao Oscar de melhor filme estrangeiro. Em Cannes, Anselmo concorreu ao prêmio de melhor diretor com Michelangelo Antonioni, Robert Bresson, Luis Buñuel e Sidney Lumet, entre outros. No júri, François Truffaut teria sido um dos principais defensores do prêmio principal para Anselmo. Também dirigiu outros clássicos do cinema nacional, como *Absolutamente Certo* e *Vereda da Salvação*, mas, devido a divergências ideológicas com a turma do Cinema Novo, sua carreira entrou em declínio.

Ilka Soares

Ilka Hack Soares nasceu em 21 de junho de 1932, em Vila Isabel, Rio de Janeiro, mas durante sua infância morou em Laranjeiras e Botafogo. Morou

no Catete também, numa época em que seu pai trabalhava lá. Era filha de Elísio, prático de laboratório, e Dona Ormindá. Seus pais se divorciaram quando Ilka era jovem, resultando na perda parcial de contato com sua família paterna. A família de sua mãe era de ascendência alemã e francesa, sendo o seu avô materno um alemão chamado Joaquim Hack.

Tonia Carrero

Nascida e criada na Zona Sul carioca, Maria Antonieta de Farias Portocarrero, seu nome de solteira, era filha do General Hermenegildo Portocarrero e de Zilda de Farias Portocarrero. Era descendente do Marechal Hermenegildo de Albuquerque Porto Carrero, Barão de Forte de Coimbra.

Apesar de graduada em Educação Física, a formação de Tônia como atriz foi obtida em cursos de teatro em Paris. Antes de partir para a França, fez um pequeno papel no filme *Querida Susana*. Foi a estrela da Companhia Cinematográfica Vera Cruz, tendo atuado em diversos filmes.



Figura 15: Tônia Carrero (década de 1970)

A estreia em teatro foi no Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), em São Paulo, com a peça *Um Deus Dormiu Lá em Casa*, onde teve como parceiro o ator Paulo Autran. Após a passagem pelo TBC, formou com seu marido à época, o italiano Adolfo Celi, e com o amigo Paulo Autran, a Companhia Tônia-Celi-Autran (CTCA), que, nos anos 1950 e 1960, revolucionou a cena do teatro brasileiro, ao constituir um repertório com peças de autores clássicos, como Shakespeare e Carlo Goldoni, no Teatro Ginástico, onde frequentei muitas vezes para assistir às peças que representavam.

Paulo Autran

Paulo Paquet Autran nasce em 7 de setembro de 1922, na casa da família de sua mãe, no Rio de Janeiro. Passa a primeira infância em Espírito

Santo do Pinhal, São Paulo, onde faz, com as irmãs, suas primeiras incursões em teatro. No ano de 1927, muda-se para a cidade de São Paulo, e aos 11 anos escreve sua primeira peça: *As Onças da Jamaica*. Em 1945, forma-se pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco e passa a exercer a profissão. Nesse período, divide-se entre a advocacia e o teatro amador.

Em 1955, deixa o TBC e muda-se para o Rio de Janeiro, onde forma, ao lado de Tônia Carrero e Adolfo Celi, a Companhia Tonia-Celi-Autran. Eles estreiam em março de 1956, no Teatro Dulcina, com a peça *Otelo*, de Shakespeare, na qual faz o personagem-título. No início dos anos 60 viajam pelos Estados Unidos, pela Europa e América Latina e, nessa turnê, na Argentina, ganha o prêmio de melhor ator estrangeiro de teatro. Em 1961, a companhia apresenta seu último espetáculo: a comédia *Tiro e Queda*, de Marcel Achard.

LEMBRANDO AMIGOS DE ONTEM

As amigas da adolescência foram sempre sinceras e afetuosas. Tínhamos admirações recíprocas e gostos semelhantes, sem ambições maiores.

Vou elencá-las por épocas.

Dos 12 aos 18 anos

William Prado. Advogado e compositor de sucesso, parceiro de Nonato Buzar. Morava no andar térreo do prédio de três andares e eu no segundo. Sua mãe era Dona Anita e as irmãs Elita e a mais velha talvez fosse Lenita e uma terceira que morava nos EUA e cujo nome não lembro

Carlos Guimarães de Almeida, Advogado. Falecido, foi casado com Tereza, irmã da Maria, casada com Moreno, também falecido.

Hugo Repsold, Arquiteto, casado com Maria José, Pianista.

Fernando e Lelé, irmãos, ambos falecidos. Lelé era Oficial de Marinha e Fernando, desenhista da Petrobras. Com Fernando aconteceu uma tragédia que perturbou muito o seu desenvolvimento. Seu pai era Brigadeiro, lotado na Bahia, e certa ocasião embarcou Fernando, ainda menino, e sua Mãe, em um avião da FAB, para trazê-los para o Rio. O avião caiu nas águas do litoral baiano e quase todos morreram. Fernando e sua mãe ficaram horas agarrados em malas e madeiras e, diante da tragédia, assistiram às mortes dos outros passageiros. Foi terrível.

Ronaldo Coelho de Souza, de quem não tive mais notícias, salvo que fora morar em São Paulo. Seu irmão Roberto era Diretor de Filmes do Cinema Nacional.

Antonio Sady, filho do dono da loja Sady Sedas.

Valentim, o Tim, piloto da Marinha, falecido muito jovem em desastre de helicóptero.

Hélcio Louvin bom bailarino social de danças de salão, filho do barbeiro Senhor Caldeira e outros cuja lembrança é falha. Eramos em torno de dez amigos que formavam a “turma” da Hilário.

Incluo, em particular, o Herman, da Marinha, falecido, querido companheiro e que casou-se com a minha irmã Lucinha.

É óbvio que participavam da turma muitas moças e que me abstenho de citá-las para evitar constrangimentos.

No Colégio Santo Inácio lembro do falecido e brilhante Acyr Frederico Horta Barbosa Pinto da Luz, cujo pai era um importante Positivista que eu muito apreciava.

Lembro dos irmãos Eduardo Ferdinando e Carlos Eduardo Manhães, ambos falecidos, e que foram, também, meus colegas de futebol na areia, no Clube Lagoa, do Teodoro Sodre.

Antonio Fernando Gonçalves da Rocha, admirado médico que nunca mais encontrei.

Pedro Magalhães Guimarães Ferreira, que foi meu colega da PUC, Engenheiro e depois jesuíta e que hoje é meu colega da Academia Brasileira de Educação.

Roberto Fernando Paulino de Souza, filho de famoso médico cirurgião.

O Padre Barreto, Diretor do Colégio, inesquecível chefe e orientador exemplar e o velho Irmão Luis, que deixou saudades, como também o eficiente Secretário Elpiades.

Alguns Professores ficaram na memória, todos já falecidos, como Jaques Chambriard, de Matemática, Luis Viana, de Português, L. P. Maia, de Física, Padre Gialuisi, de Religião. Memória especial para o Padre Vasconcellos, que abandonou a batina e falecido há poucos anos.

Dos 19 em diante

Ingressando na PUC, em 1955, reuni um elenco de amigos inesquecíveis como Sergio de Oliveira Menezes Portinho, que fez bela carreira na Petrobras, Edgar Valentim Rodrigues, que foi para a Cia. Siderúrgica,

Rodolfo Cesar Burgos, o Paragua, já falecido, especialista em Cálculo de Concreto, do Governo Estadual, Maurício Marques de Oliveira e os irmãos Raul (falecido) e Sérgio Cabral, Heitor Herrera, falecido, Nelson Henrique Ramos Martins, aluno brilhante, como também foi o Pedro Ioshura e tantos outros.

A nossa “turma”, além dos rapazes citados, tinha também a participação de algumas moças, que conviviam conosco nas horas de lazer. Algumas namoraram e se casaram com certos companheiros.

Eram Zezé ou Maria José, pianista, casou com o Hugo. Iduna, irmã de Astride, ex-mulher de João Gilberto (o compositor da Bossa Nova), casou com Luiz Carlos (falecido), Maria, casada com José Moreno (falecido), Tereza, irmã de Maria, casada com Carlinhos (falecido), Marilza, casada com José Nelson, Lucinha, minha irmã, casada com o Hermann (falecido), e outras, como Ginete, Helena, Maria Helena, Elizabeth (importante tradutora), Tânia, filha de russos, Marina (falecida), Gardênia, Estela, Ana Rosa, Vilma, Elita, irmã de William, enfim, um grupo alegre e muito feliz, que curtiu os anos 50, sem problemas. É claro que a minha memória deve ter falhado, tanto para apontar outros colegas, como outras moças.

A partir dos 30 anos

Ex presidentes da Firjan, Mario Leão Ludolf e Arthur João Donato, queridos amigos já falecidos.

Colegas como Wilson de Barros, José Carlos Vieira Figueiredo, Saulo Diniz Swerts, Raul Edgar Bastos, Carlos Vilhena, Aurélio Chaves, Donizeti do Rego Monteiro, Antonio Carlos Ribeiro Brandão, Joaquim Sergio Oliveira, Rogério Lionel Cortez de Barros, Alexandre Mendes Rodrigues, todos falecidos, e José Manuel de Aguiar Martins. Em São Paulo, na Ford, Luiz Sampaio, George Watson, Gustavo Fernandes, Glauco de Lima Guedes, Alarico Carneiro da Cunha, são alguns dos colegas com quem trabalhei na minha passagem por lá e os guardei na memória, a maioria já falecidos.

Depois da volta para o Rio deparei-me com Jose Carlos Chermont de Brito, falecido, que foi um chefe correto e amigo, no Departamento de Portos e Vias Navegáveis, e o Engenheiro Clovis Dutra, um bom companheiro.

No Conselho Estadual de Educação, onde atuei, como Conselheiro e Presidente, por diversos períodos, encontrei antigos e novos colegas, como Terezinha Saraiva, ilustre educadora e amiga querida a quem muito devo, no Conselho e fora dele, João Pessoa de Albuquerque, Luiz Henrique Mansur Barbosa, Edgard Flexa Ribeiro, Magno de Aguiar Maranhão, falecido, Henrique Zaremba da Camara, Paulo Sampaio, Paulo Alcantara Gomes, Arnaldo Niskier e Celso Niskier, Lia Faria, Marcelo Rosa, José Carlos da Silva Portugal, José Antonio Teixeira, falecido, Valdir Vilela, Antonio José Zaib, José Carlos Mendes Martins, falecido.

Como Secretário-Geral, a importante atuação de Nicolau Roberto Feichas, co-autor desta modesta incursão editorial.

Lembro, ainda, de Claudio de Moura Castro, economista, escritor, educador e grande defensor do modelo do Sistema S para educação profissional.

Encerro com a honrosa e generosa amizade de Carlos Alberto Serpa de Oliveira, Presidente da Fundação Cesgranrio e que transitou, em sua notável carreira de Educador, pelos Conselhos Estadual e Nacional de Educação.

Agora, o Governo Estadual.

Trazido pelo Secretário de Desenvolvimento Econômico e Social e de Planejamento, o Economista Tito Ryff, com quem trabalhara na UNIVERCIDADE por três anos, assumi a sua Chefia de Gabinete, no período de 2000 a 2006 e, em seguida, a Chefia de Gabinete do Secretário Alexandre Cardoso, até o ano de 2014 e, logo depois, com o Secretário Gustavo Tutuca, até 2017.

Paralelamente ao período citado, no turno da noite, dirigi o Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Veiga de Almeida, entre 2004 e 2011, fazendo mais amigos como Marcos Braga, Antonio Sarquis, Helio Sande e o Comandante Quadra.

Deixei o Governo Estadual e passei a Vice-Diretor, da recém-criada Faculdade Cesgranrio, onde permaneço.

EPÍLOGO

A construção de uma vida, pelo conjunto dos seus fragmentos, é uma tarefa que exige reflexão e pesquisa sobre os fatos que ocorreram em diferentes momentos e que de algum modo influenciaram a sua conduta, a sua visão social, política e pessoal.

Revê-los, em fragmentos, torna-se um processo educativo exemplar, conduzindo, por suas conclusões, a uma revisão comportamental de aprimoramento.

Os amigos, os fatos e os personagens que a nossa mente trouxe de volta a nossa presença, como recordações vivas do nosso cotidiano passado, constituem um confissãoário interior apreciável e inesquecível.

Como resisti em expor sentimentos, também princípios religiosos ficaram nas gavetas.

Finalmente, agradeço a todos os que protagonizaram os instantes da minha vida e a tornaram verdadeiramente feliz.

Apêndice
ICONOGRÁFICO



1940, com a mãe, D. Magdalena



1946, Primeira Comunhão

Roberto Boclin

1947, com a turma no Colegio Santo Ignacio



Fragmentos de uma vida...



1953, formandos do Colégio Santo Inácio



1953, retrato

1953, com a mãe e os irmãos





1957, com o time de futebol de praia

Roberto Boclin

1962, como instrutor, Curso Belcar Vemag para senhoras



Fragmentos de uma vida...

1965, seu pai, Teodoro, com sua filha Beatriz





1979, Presidente Geisel (esq.), Dr. Ludloff (centro) e Boclin (dir.)



1982, com o Governador Chagas Freitas (dir.)

Fragmentos de uma vida...



1982, com o Governador Chagas Freitas (dir.)



1982, com Arnaldo Niskier, em sua posse no CEE RJ



1982, com Arnaldo Niskier em sua posse no CEE RJ1982, assinando termo de posse no CEE RJ



1982, cumprimentando membros da Mesa, em sua posse no CEE RJ

Fragmentos de uma vida...



1982, com Terezinha Saraiva em sua posse no CEE RJ



1985, Capela de Nossa Senhora da Conceição



1985, na missa de inauguração da Capela de Nossa Senhora da Conceição.



1987, em Deodoro

Fragmentos de uma vida...



1987, ao centro, entre Jose Manuel Martins e Arthur João Donato (Presidente FIRJAN)



1988, recebendo o Consul do Japão no Rio de Janeiro



1988, homenageando em Coimbra, Portugal, declamando fados

Fragmentos de uma vida...



1991, com a escritora Rachel de Queiroz



1991, recebendo o Príncipe Andrew, da Inglaterra



1991, condecorado com a Medalha do Mérito Naval



1992, com João Havelange, na Univercidade

Fragmentos de uma vida...



1993, inaugurando a Cervejaria Escola de Vassouras (esq.)



1993, capa do convite para a inaugurando a Cervejaria Escola de Vassouras



1993, agraciado com a Ordem Nacional do Mérito Educativo



1993, placa comemorativa da inauguração da Cervejaria Escola de Vassouras)



1994, Centro Nacional de Tecnologia, Soldagem



Entregando Estrela Prisioneira ao Dr. Roberto Marinho



2001, com Wagner Siqueira e Wallace Vieira, no lançamento de seu livro *Conversando sobre Educação*

Fragmentos de uma vida...



2004, preparando para a Meia Maratona



2004, sua identificação para a Meia Maratona.



Medalha Educatio et Labor (frente)



Medalha Educatio et Labor (verso)

BIBLIOGRAFIA

Dicionário Biográfico Ilustrado de Personalidades da História do Brasil. George Ermakoff, Casa Editorial, Rio de Janeiro, 2012.

Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Deputados brasileiros. Repertório (1963-1967, 1967-1971, 1971-1988, 1988-2019).

Enciclopédia Mirador. Antonio Houaiss., 1976.

Grande Enciclopédia Delta Larousse. Editora Delta S. A., Antonio Houaiss, Rio de Janeiro, 1970.

Jornal do Brasil (9/10/66, 9/4/76, 2, 8 e 19/7/77, 5 e 7/6, 7/8, 2/9 e 5/10/78, 16/3, 12/4, 22 e 28/8,14/10, 27/11 e 17/12/79, 26/4/81, 17/1, 13/3, 14/5 e 7/10/82, 7 e 23/1 e 16/10/83, 19/8/84, 3/12/86).

O Globo (2 e 4/3, 14/5 e 25/6/82, 15/3/83, 11/11/86, 3/7/89).

Revista Veja (21/5/75, 25/1 e 28/6/78, 6/2/85).

Referências via internet (web)

- 1) <https://ama2345decopacabana.wordpress.com/as-pedras-portuguesas-2/as-palmeiras-e-calcadao-2/>
- 2) <https://ama2345decopacabana.wordpress.com/os-postos-de-salvamento/posto-de-salvamento-decada-de-30/>
- 3) <https://ama2345decopacabana.wordpress.com/os-postos-de-salvamento/postos-do-comeco-do-sec-xx/>
- 4) <https://ama2345decopacabana.wordpress.com/os-postos-de-salvamento/postos-5-2/>
- 5) <https://ama2345decopacabana.wordpress.com/os-postos-de-salvamento/posto-de-salvamento-1910/>
- 6) <https://ama2345decopacabana.wordpress.com/os-postos-de-salvamento/posto-atual-2/>

Fragmentos de uma vida...

- 7) <https://ama2345decopacabana.wordpress.com/os-postos-de-salvamento/posto-de-salvamento/>
- 8) <https://ama2345decopacabana.wordpress.com/os-postos-de-salvamento/posto-salvamento4/>
- 9) <https://parlandoitaliano.files.wordpress.com/2012/03/ginalollobrigida1.png>
- 10) <https://parlandoitaliano.files.wordpress.com/2012/03/silvanamangano1.jpg>
- 11) <https://parlandoitaliano.files.wordpress.com/2012/03/silvanamangano3.jpg>
- 12) <https://parlandoitaliano.files.wordpress.com/2012/03/sofialoren2.jpg>
- 13) <https://parlandoitaliano.files.wordpress.com/2012/03/sofialoren.png>
- 14) <https://parlandoitaliano.files.wordpress.com/2012/03/claudiacardinale3.jpg>
- 15) <https://parlandoitaliano.files.wordpress.com/2012/03/claudiacardinale.jpg>
- 16) <https://cinemaclassico.com/wp-content/uploads/2017/04/malvada.jpg>
- 17) <https://pt.wikipedia.org/wiki/Advogado>
- 18) https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolução_de_1930
- 19) https://pt.wikipedia.org/wiki/República_Velha
- 20) folha.uol.com.br (8 de Novembro de 2009). «Anselmo Duarte, cineasta e ator, morre aos 89». Consultado em 5 de Outubro de 2012
- 21) «Morre Anselmo Duarte, o único brasileiro vencedor em Cannes». Uol. Consultado em 7 de abril de 2016
- 22) <http://aplauso.imprensaoficial.com.br/edicoes/12.0.812.888/12.0.812.888.pdf>
- 23) «Serra homenageia artistas com Ordem do Ipiranga». Portal do Partido da Social Democracia Brasileira. 23 de junho de 2009. Consultado em 9 de março de 2018
- 24) «FILMOGRAFIA - A CASA DAS TENTAÇÕES». bases.cinemateca.gov.br. Consultado em 5 de setembro de 2018
- 25) «FILMOGRAFIA - O MARGINAL». bases.cinemateca.gov.br. Consultado em 5 de setembro de 2018

OUTRAS OBRAS DO AUTOR

1. LE SYSTÈME SENAI. INSTITUT INTERNATIONAL DE PLANIFICATION DE L'ÉDUCATION: BRESIL. Roberto Guimarães Boclin. 1975.
2. LE SYSTÈME SENAC. INSTITUT INTERNATIONAL DE PLANIFICATION DE L'ÉDUCATION: BRESIL. Roberto Guimarães Boclin. 1975.
3. UM CERTO DIA DE AGOSTO – SENAI – RJ. 1992.
4. CONVERSANDO SOBRE EDUCAÇÃO – 1ª ed. - ABE. 2001, também encontrada na forma de livro eletrônico, em livros.feichas.com
5. AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL: QUEM ACREDITA? Editora e Livraria Espaço do Saber. 2003.
6. SENSO E CONSENSO – SENAI – DN. 2005.
7. RESPONSABILIDADE SOCIAL NAS EMPRESAS INDUSTRIAIS BRASILEIRAS – SENAI – DN. 2006.
8. FICANDO PARA TRÁS: O ENSINO MÉDIO NO RIO DE JANEIRO. Com Mello e Souza, Alberto; Urani, André; Squeff, Gabriel Coelho; Leal, Maria Cristina; Klein, Ruben; Reis, Thiago Cabral. Instituto Unibanco. 2007.
9. A INDÚSTRIA DO MARANHÃO: UM NOVO CICLO. Autoria com José Ribamar Dourado. IEL DN. 2008.
10. ONDE ANDA VOCÊ. FAETEC. 2010.
11. O OUTRO LADO DA EDUCAÇÃO. Fundação Santa Cabrini. 2010.
12. RESGATANDO O CAPITAL HUMANO. 1ª ed., 2015, também encontrada na forma de livro eletrônico, em livros.feichas.com
13. EDUCAÇÃO À DERIVA. 2016.
14. AVALIAÇÃO EXTERNA DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM DIREITO: OS INSTRUMENTOS DO INEP/MEC. Wagner, R.; Boclin, R. G.; Elliot, L. Multifoco, Rio de Janeiro. 2016.

Fragmentos de uma vida...

15. FOLHAS SECAS COMO CONVÉM. Perse, São Paulo. 2016. também encontrada a 3ª edição, na forma de livro eletrônico, em livros.feichas.com



Rio de Janeiro

Livro eletrônico

<https://livros.feichas.com>